

Em busca da MORTE

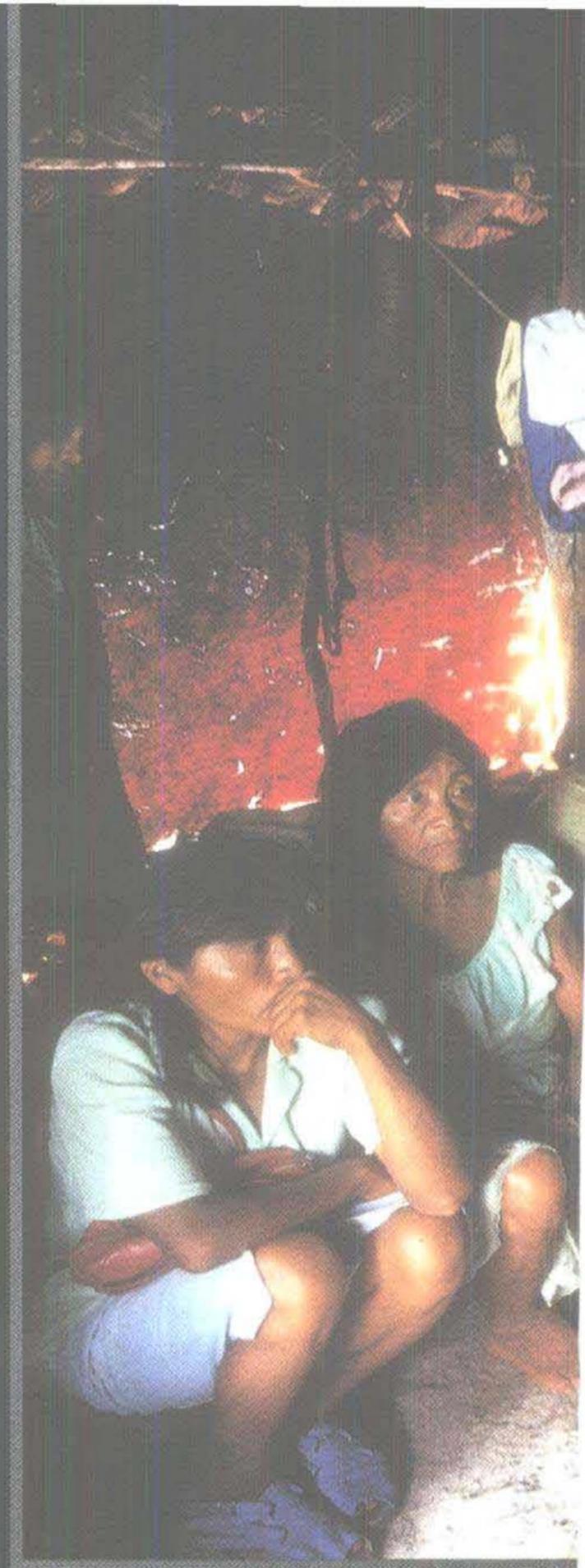
Como e por que os índios guaranis-kaiwás estão se matando

por **EUNICE PINHEIRO**, de Dourados (MS)

Sete de novembro de 1995. Fim de tarde de uma terça-feira. Dona Terezinha encontra o filho, de 18 anos, ainda agonizando. Amarrado a um pé de angico, a 200 metros de casa, Reginaldo havia se enforcado com a própria calça. Não se pendurou, como a maioria dos suicidas faz. Estava ajoelhado, forçando o corpo para baixo e pressionando o pescoço com as mãos. Minutos antes, já temendo o suicídio, dona Terezinha retirara o cinto e a camisa do rapaz. Correu até a casa, em busca de ajuda, mas quando voltou já era tarde. Num espaço de dois anos, ela teria de enterrar o segundo filho vítima de suicídio. O motivo ela resume numa só palavra: "tristeza".

E é essa tristeza que parece ter to-

mado conta dos índios guaranis-kaiwás nas aldeias de Dourados, no Mato Grosso do Sul. Só no ano passado, 56 deles, com idade entre 10 e 20 anos, se suicidaram. Nos últimos treze anos, foram 258 suicídios e um número bem maior de tentativas frustradas. Houve casos de pessoas que tentaram a morte até seis vezes. De acordo com a Fundação Nacional do Índio, Funai, 57% eram homens. A maioria das mortes, por enforcamento. Proporcionalmente, os guaranis-kaiwás se matam quase seis vezes mais que os húngaros — os campeões mundiais do suicídio, segundo as estatísticas oficiais. Na Hungria, o índice de 38,2 suicídios para cada grupo de 100 mil habitantes é considerado assombroso.



Os kaiwás são hoje cerca de 25 mil, confinados em territórios que somam 18 297 hectares. Parte dessas terras está arrendada a fazendeiros da região. Alguns pagam 100 reais pelo aluguel de dois anos de glebas de 16 hectares. Sem trabalho, os índios também são alvos fáceis dos caras-pálidas donos de usinas de álcool. Avá-Rendy, de 17 anos, trabalha como bóia-fria. Durante um ano, juntou dinheiro para comprar sua bicicleta. No negócio, gastou 200 reais. Exatamente o que ganha em cinquenta dias de trabalho, cortando cana em jornadas de até dez horas sem descanso. "O contrato dos brancos é diferente. Branco sabe negociar com branco. Sabe falar", diz, resignado.

As aldeias viraram favelas ao redor

Só no ano passado, 56 índios preferiram morrer

desejo de ser branco. Um desejo inalcançável. "O branco aparece como modelo de sucesso. Isso gera um sentimento de inferioridade e frustração", teoriza Shitoshi, que trabalha com os kaiwás há dezoito anos. Isso, segundo o antropólogo, explica ainda porque os jovens se matam mais. "Eles têm uma tendência maior de procurar o modo de vida do branco. A pressão sobre eles é muito maior."

Na fila dos candidatos ao suicídio, os adolescentes se mantêm calados. Nos primeiros dias de 1996, uma menina de dez anos se matou envenenada. Quem será o próximo, ninguém sabe ao certo. Só se sabe que haverá outros. Avá-Rendy, o menino da bicicleta, acha o suicídio um absurdo, mas acrescenta que "na certa, quem se mata não gosta da miséria". Timido, ele gagueja e treme quando conversa com brancos. Aos poucos vai falando sobre a vida na aldeia e, no final, desabafa: "Eu queria ser branco. Branco tem grana. Tem capacidade". Os sonhos de consumo de Avá-Rendy são comprar uma televisão e ter água para tomar banho todos os dias. Seu companheiro nos passeios de bicicleta, Maurino Dias, faz coro: "Branco pode servir ao Exército, sabe conversar e sempre tem dinheiro. A vida do branco é boa". Maurino parou de estudar na 5ª série. Como os demais índios, ele estudava em escolas de brancos. Mas acabou largando as aulas "porque não tinha dinheiro, precisava comprar caderno grande e não podia".

De olho na televisão, Avá-Rendy e Maurino tentam imitar o palavrório. Falam "grana", "gata" e outras gírias e têm aversão ao casamento. Nunca tiveram namoradas, mas acham que deve ser "legal". "A gente queria namorar uma branca, mas elas nunca ligam pra gente", reclama Avá-Rendy, fã das atrizes globais Cláudia Raia e Adri-

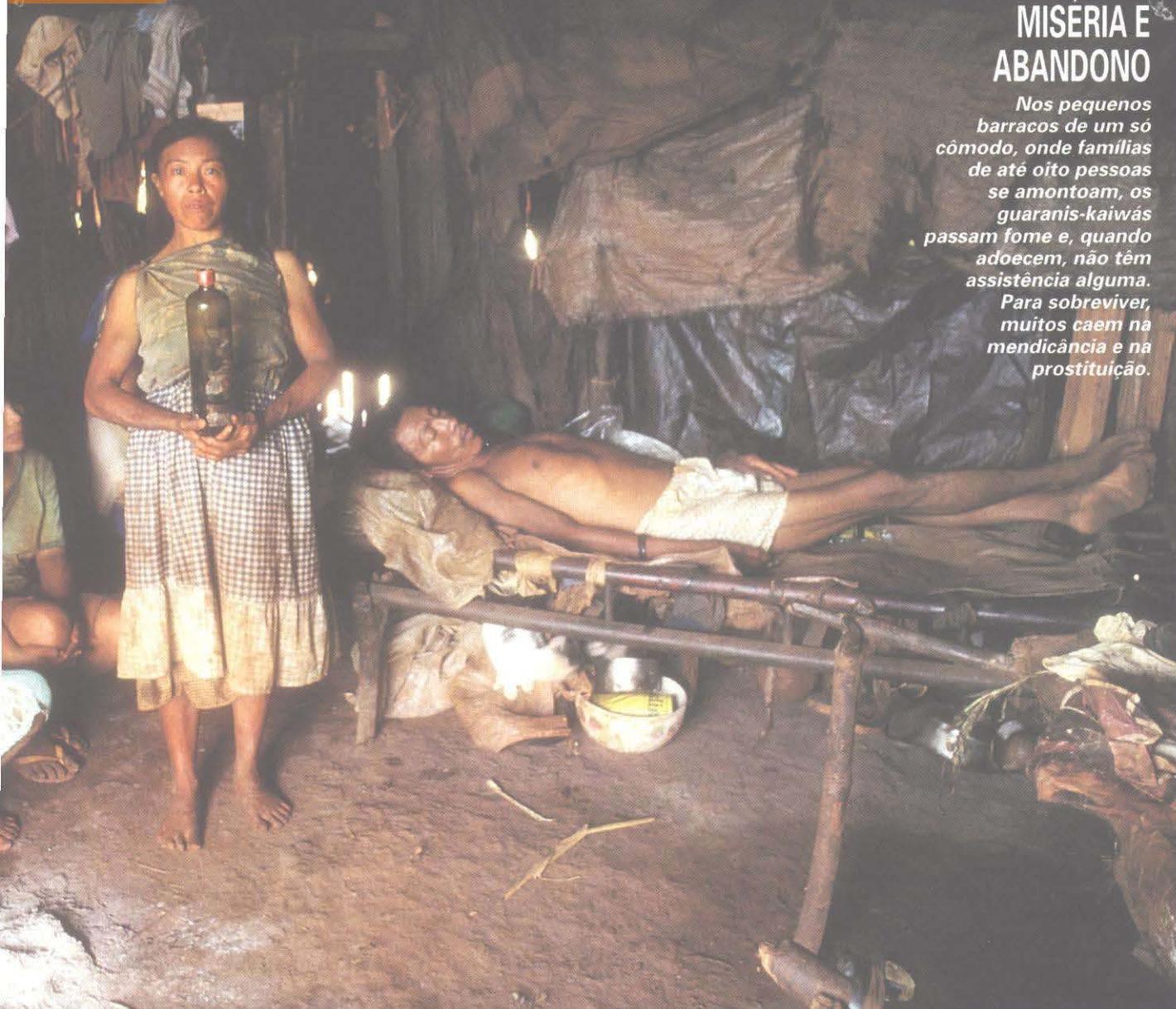
ana Esteves. "Eu queria namorar elas, mas já que não tem jeito..." Sobre o futuro, Maurino diz apenas: "Tomara que melhore. Senão, piora". Uma resposta simples de quem já não é mais índio e nunca será branco.

No meio de tanta aflicção, a máquina da fé propagou-se rapidamente. Na região de Dourados existem quinze igrejas diferentes. Além de pentecostais, evangélicas e católicas, há outras que nem nome têm. São chamadas de "igreja do pastor Fulano de Tal". O conflito começa quando as religiões ensinam a existência de um único deus. Originalmente, os kaiwás adoraram trinta deuses. Um cuida da floresta (que não existe mais), outro dos



MISÉRIA E ABANDONO

Nos pequenos barracos de um só cômodo, onde famílias de até oito pessoas se amontoam, os guaranis-kaiwás passam fome e, quando adoecem, não têm assistência alguma. Para sobreviver, muitos caem na mendicância e na prostituição.



GETÚLIO JORGE E MARIA JORGE

da cidade. Os índios andam até um quilômetro carregando água. Falta rede de esgoto e energia elétrica. As cabanas são cobertas com palha e plástico. Têm só um cômodo, onde famílias de sete ou oito pessoas se amontoam. As crianças, subnutridas e barrigudas, não têm assistência médica. Passam fome. A situação de miséria entre os kaiwás tem empurrado muitos índios para a prostituição, o crime e a mendicância. É comum encontrá-los catando lixo para comer nas ruas da cidade ou pedindo esmolas na rodovia que cruza a reserva. Bebem cachaça como se fosse água. Apesar de ser proibido vender bebida alcoólica a eles, os brancos têm aí um grande negócio.

Em 1986, a psicóloga Maria Apareci-

da Pereira começou a investigar o fenômeno do suicídio entre os kaiwás. O resultado de seis anos de trabalho está no livro *Uma Rebelião Cultural Silenciosa*, editado pela Funai após a morte da psicóloga. Para Aparecida, o principal motivo da onda suicida é o confinamento de muitos índios em pequenos territórios e, conseqüentemente, a escassez de terra. Em seguida, ela enumera a miséria, a desestruturação da família com a ausência dos homens durante as temporadas de trabalho, as seitas religiosas que assediam os índios e a perda do "universo mágico religioso".

Os índios mais velhos já pensam diferente. Para eles, o suicídio é uma doença, fruto de feitiços feitos por índios maus. A doença ataca a palavra, uma

das três almas que o índio possui. Prova disso, segundo eles, é que a maioria dos suicidas prefere o enforcamento, que antes de tudo aniquila a voz. No seu livro, a psicóloga Maria Aparecida explica: "O suicídio por enforcamento, no dizer dos índios, implica no sacrifício da palavra, perda da voz-canal de ligação com o divino e, por extensão, no sacrifício da alma divina". No esforço de combater a "praga", os pajés fazem maratonas de rituais e expulsam os índios suspeitos de feitiçaria.

A tristeza que está matando os índios tem uma outra conotação para os antropólogos que estudam os kaiwás. Celso Shitoshi Aoki, do Centro de Trabalho Indigenista, acredita que a "tristeza" é a vergonha de ser pobre e o



PAJELANÇA CONTRA A "PRAGA"

Os pajês e caciques acreditam que um feitiço mau, promovido por índios ruins, causa a "doença da morte". Eles fazem verdadeiras maratonas de pajelanças para combater a praga e expulsam os suspeitos de feitiçaria.

ventos, mais um da colheita e assim por diante. As seitas pentecostais ainda proibem seus fiéis de freqüentarem os rituais da tribo, principalmente as cerimônias com dança e canto. "Elas são as primeiras a pressionarem os índios a viver como os brancos. Se querem ajudar, que comecem mudando a forma de trabalho", critica o antropólogo Celso Shitoshi.

Quando o Brasil foi descoberto, os guaranis-kaiwás eram donos de um grande território, que se estendia da região oriental do Paraguai até o sul do Mato Grosso. Eram cerca de 4 milhões de hectares com matas, rios, áreas para exploração da agricultura e animais para caça. Em 1882, o império arrendou o território para a Companhia Matte Laranjeiras. As matas foram derubadas e no lugar delas surgiram imensas plantações de erva-mate. Ao mesmo tempo, agricultores e pecuaristas iam chegando de mansinho, invadindo um canto aqui, outro ali. Em 1915 o governo suspendeu o arrendamento e dividiu a área em lotes de 3,6 mil hectares para venda. Cada agricultor ou pecuarista poderia comprar, a preço de banana, até dois lotes.

Nessa época, o território kaiwá já se resumia a 22 áreas que abrigavam 40 mil índios. Era uma boa chance para sua situação mudar. E, de fato, mudou. Para pior. Num arroubo de inteligência, o Serviço Nacional do Índio, a Funai de antigamente, removeu toda a população indígena para oito áreas de um lote-padrão cada uma. Mas, como na intrincada burocracia nacional tudo pode fi-

car para mais tarde, apenas três áreas foram legalizadas. Em 1928, o então presidente Washington Luís cuidou de espremer ainda mais os kaiwás. Oficializou três reservas com as áreas reduzidas para 2 mil hectares e uma com apenas 900. Com o tempo, Dourados e as cidades vizinhas foram crescendo e chegando cada vez mais perto das reservas. As fazendas também se expandiram, com suas plantações de soja e cana. Hoje, os índios vivem encurralados. As mulheres abortam para não trazer novos sofredores ao mundo. Os jovens se matam. A vida perdeu a graça.

Na tentativa de estancar a crise, a Funai criou um programa de desenvolvimento agrícola. Os índios estão cultivando pequenas roças, de onde já colheram 90 toneladas de soja no ano passado. Em novembro, o ministro da Justiça, Nelson Jobim, baixou uma portaria ampliando a área da reserva Panambizinho, de 60 hectares para 1,2 mil. A resposta dos fazendeiros foi imediata. Primeiro ameaçaram invadir a aldeia a bala. Depois, num espasmo de civilidade, decidiram brigar na Justiça pela posse da terra.

Promessas aos índios não faltam. Cada político que passa pelas aldeias solta novo turbilhão. Os deputados federais petistas Nilmário Miranda (MG) e Gilney Viana (MT), ambos da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, foram recebidos com festa. Ganham cocares, participaram de cerimônias, visitaram parentes de suicidas, prometeram buscar ajuda até da ONU. De volta à Brasília, no entanto, ficaram assoberbados com tantos afazeres parlamentares. "A morte dos índios tem um caráter humano e os novos assuntos, que precisamos resolver, têm caráter político", esclareceu Viana, do alto de sua estranha filosofia humanista.

Até quando os guaranis-kaiwás continuarão esperando, é difícil avaliar. Só se sabe que esse povo está morrendo lentamente sob os olhos da Funai, do Congresso Nacional, do Ministério da Justiça e agora, do presidente Fernando Henrique Cardoso. Para todos, fica o pensamento do índio Amilton Lopes: *Ndojéjapoiramo mbáeve orieye bái tpo-ráve Nhamboque Kuaraky*, que em guarani quer dizer: "Se não fizerem alguma coisa por nós, é melhor apagar o sol".

